

CLICHÊS

Temos a tendência de banalizar e (até) reprovar o clichê, o lugar-comum, glorificando a novidade e endeusando a inovação. Nos nossos dias, o clichê virou uma praga a ser evitada a todo custo. Não sei de onde essa ojeriza surgiu, se do sistema capitalista, sempre em busca de novidades que possam interessar o bolso dos consumidores; ou se da própria natureza do homem, sempre ávido por novidades. Mas o fato é que o ódio ao clichê existe e está impregnado em nossas vidas, como um... clichê.

Mas será que o clichê é mesmo uma coisa tão ruim assim? Pensando um pouco, descobrimos que tudo o que um capitalista busca é o clichê: um produto que caia nas graças de milhões de consumidores e nunca mais saia de suas listas de “coisas que não me podem faltar”. Ou, por acaso, o fabricante das Havaianas está doido para suspender a fabricação de suas sandálias e substituí-las por uma... novidade?

O mesmo acontece com o homem. Será mesmo que ele sempre se cansa do conhecido, do rotineiro? Claro que não! Existem pessoas que amam fazer sempre as mesmas coisas e qualquer novidade em sua rotina é perturbadora e desagradável. Há casamentos que duram décadas e amizades eternas. Alguém, por acaso, se cansa de torcer pelo seu time de coração? E há coisa mais clichê do que torcer sempre pelo mesmo time?! Alguém, por acaso, diz:

— Ai, não! Lá vem aquele chato do Arnaldo! O cara não se cansa de torcer pelo Flamengo, não?!

O que não podemos esquecer é que o clichê, um dia, foi uma grande novidade e só virou clichê porque deu muito certo, agradou a muita gente e por isso foi repetido até se tornar um... clichê. Temos que valorizar os clichês, pois eles, assim como Shakespeare, são vitoriosos: num mundo onde o novo está sempre tentando derrubar o velho, os dois conseguiram sobreviver até hoje.

A moda de falar mal dos clichês me soa um pouco como aquela cantilena dos derrotados, que, invejosos do sucesso do outro, minimizam as qualidades do que caiu no gosto das pessoas. Como muitos fizeram quando surgiram a bossa-nova, a Tropicália e os Beatles, para falar apenas de música. E nenhuma arte se faz sem seus clichês.

Além do mais, a busca do novo pelo novo é vazia, sem sentido. Pessoas que buscam a todo custo o novo, recusando os clichês são as mais superficiais que conheço. Dizer que algo

é bom só porque é novidade é uma grande enganação. Entre o novo ruim e o velho bom, prefiro mil vezes o segundo.

Há músicos que jamais trocariam seu velho instrumento por um novo; Carinhoso será sempre um choro eterno no gosto dos brasileiros apesar de sua centenária idade; sem falar dos vinhos. O que é isso senão a preferência pelo clichê ao novo?

Ao final das contas, seja na arte, seja na vida, o importante é o equilíbrio entre o velho e o novo, entre o clichê e a novidade. Um mundo (ou uma arte) feito só de novidades seria tão insuportável quanto um mundo (ou uma arte) feito só de clichês.